

# O MUNDO JÁ TINHA ACABADO

Beatriz Bracher

Daqui de 2008, procuro enxergar o caminho de 1968 até hoje, o caminho que serpenteia meus livros e seus personagens. Nasci em 1961, escrevi e publiquei 3 romances: *Azul e Dura (AD)*, *Não falei (NF)* e *Antonio (A)*. Os três se passam na primeira década do ano 2000 e são memórias de personagens que, de formas diferentes, viveram os anos 60 e 70.

No primeiro romance a personagem é Mariana, adolescente nos anos 70, que dançou em forrós, fez cinema underground e virou publicitária. Mudou-se para o Rio, casou-se, teve filhos, arrumou um ninho e trabalho. Um dia, buscando os filhos adolescentes na escola, perto do Jardim Botânico, envolve-se em um acidente no qual uma deficiente mental morre.

O segundo, *Não falei*, é narrado por um professor universitário que se aposenta, está de mudança de São Paulo para São Carlos e vai sair da casa onde sempre viveu, primeiro criança e jovem, depois com a filha pequena, órfã de mãe. Em 1970 ele era o que se chamava de simpaticante. Foi preso e torturado. O irmão de sua mulher, um militante da luta armada, foi morto pouco antes de ele ser solto. A acusação de que teria traído o cunhado ficou no ar pesando sobre ele, que não falou. Ao esvaziar a casa acha escritos de sua irmã menor, que, em 1970, estudava para o vestibular, e lê um livro auto biográfico de seu irmão José, hippie nos anos 60. Cecília, uma jovem professora, quer entrevistá-lo para colher material para o romance que pretende escrever sobre um educador dos anos 60, ele não sabe se falará.

*Antonio*, meu terceiro livro, é a história de Teodoro, filho de uma professora universitária e de um dramaturgo, jornalista e editor. Em 1977, Teo, com 18 anos, resolve viajar pelo interior de Minas, de hippie passa a vaqueiro e tem um filho com uma mulher que havia sido mulher de seu pai, na juventude deste. Ela morre no parto e Teo cria o

pequeno Benjamin na fazenda, filho do vaqueiro e violeiro em que ele passou a ser. A história da vida, enlouquecimento e morte de Teodoro é contada para o seu filho Benjamin, agora com 25 anos, prestes a ser pai, por Isabel, Haroldo e Raul. A mãe de Teodoro, Isabel, 70 anos, à beira da morte, conta a seu neto como foi educar os filhos nos anos 60 e transformar-se junto com eles. Raul, o amigo de Teo, fala da inquietude de Teodoro e da época. Haroldo, o amigo do pai de Teodoro, avô de Benjamin, conta como resistiu aos anos 60, como até hoje continua a opor-lhes uma resistência já desnecessária.

Esse texto não trata da literatura de ou sobre 1968, e sim de 1968 dentro da literatura que venho escrevendo. Debrucei-me sobre meus livros e o que irei contar eu tirei da vida de seus personagens, da fala e do pensamento deles. Escrevi esse texto a partir da ficção, com o intuito de buscar ali vestígios de uma verdade sobre 1968, algo que ainda nos diga respeito de uma maneira sincera.

Misturei trechos dos personagens que descrevi com pensamentos meus. Não diferenciarei os meus pensamentos das falas dos personagens, nem citarei os nomes de quem fala. Minha intenção é, se for feliz, criar um fluxo similar ao da memória do ano de 1968 em mim e nos trabalhos que faço. Creio que tentar criar um ambiente do “como se”, como se eu fosse, também, um personagem, como se fosse verdade, como se, todos juntos, estivéssemos ouvindo pensamentos sem voz, como se pudéssemos ir e voltar no tempo e nas pessoas, convém a um encontro cujo tema é a literatura, e quem fala, fala por que escreve romances.

(1968 quer dizer a década de 60, prefiro dizer 1968 e não 68, para lembrar que falamos sobre meados do século passado.)

## 1

1968 hoje:

— Ela quer lampejos de um personagem, pedaços de um ser no mundo que ela não conheceu inteiro, mas cujos ecos, mortos e sobreviventes formaram a estrutura do que viveu e vive. Um tempo antigo em

que os romances, a poesia, a música, os filmes e as peças mudavam o mundo. A educação e o trabalho também continham essa possibilidade, pensa Cecília. (NF 66)

1968:

— Primeiro o mundo existia apenas para ser cantado, a serventia das guerras estava em serem narradas; séculos e milênios se passam e a cantoria transforma-se em arma [...] com gatilho e explosão. A realidade não é transformada na obra, ela será transformada pela obra, cada leitor, espectador e ouvinte passará a ser um agente da transformação e armado. Foi mais ou menos nesse momento que eu fui preso, solto e parei de prestar atenção. (NF 88)

Hoje:

— Acho que é disso que eu sinto falta na mitologia de 1968: o fracasso, a impotência, a vergonha.

— Os instrumentos disponíveis para combater os mitômanos de 68, nós herdamos de 1968. O difícil é pensar o que somos nós e o que fomos eles. Onde começa um e acaba o outro.

## 2

1978:

— Nos disseram que o mundo tinha acabado. A nostalgia dos feridos e a louvação dos seus heróis me oprimiam.

1974:

— O que viria depois de Janis Joplin e Che Guevara? Demorou até eu me dar conta que antes houvera Joyce, Kafka, Beckett, Henry Miller e que depois continuaria a haver vida e arte, inclusive nós.

1970:

— [José] me mandou uma fita dos Beatles, me chama de little sister, disse que eu ia pirar se estivesse com ele agora em Londres, escre-

veu que eu tenho que ouvir *Tommy*, do The Who [ ...]. Ele mora com muitos amigos numa grande casa velha, diz que é demais, super família mas sem caridade, tem criança, tem nenê, tem música e as pessoas riem e choram e conversam, e tudo bem, ninguém patrulha ninguém, e que eu preciso me ligar que o mundo é muito maior que a Vaz Leme, nº 7, que [...] o mundo está acontecendo agora, nesse momento, exato e preciso, que a medicina e os estudos podem esperar e eu tinha mais é que sair, dar um rolê, ver o que há, cheirar o mundo porque a vida é breve e está indo muito rápido, baby, muito mais rápido do que a Vaz Leme, nº 7 pode imaginar. Um vento gelado vai chegar, as folhas vão cair, meu bem, e você não viu nada, honey, nem sentiu o cheiro das papoulas ao nascer do sol morrendo de frio. [...]

Às vezes eu arrumo minha mochila, às vezes eu escrevo histórias de meninas que partem, às vezes eu ouço Janis Joplin e choro sozinha, às vezes eu beijo o Nando e ele aperta meus peitos e põe a mão nas minhas pernas e nós ouvimos Janis Joplin juntos e eu esqueço a tristeza e sinto o cheiro de papoulas ao nascer do sol [...] Uma vez eu queria ser a Rita Lee. Uma vez eu queria estar em Londres com você. Mas às vezes acho que você é um babaca que está por fora de tudo, que não sacou nada, nada. (*NF* anotações de Jussara, 139 e 140)

### 3

1968 em 1990:

— Haroldo [...] não foi capaz de enxergar Teodoro, a beleza de um jovem alucinado, [...] seus olhos cheios de brilho, os cabelos muito pretos e ondulados, o corpo magro e o seu modo de andar e mexer as mãos como um gato vadio, a boca já meio roxa, fina e bem desenhada. Haroldo só conseguia ver a loucura e como isso me destruía. (*A Isabel*, 140)

2008 sobre 1968:

— Mas sei também que nem Isabel, nem ninguém naquela família, conseguiu ter discernimento para ver que existe um mundo, uma

ordem e a nossa história a se preservar, que não somos feitos de culpas a se pagar a cada surto de loucura de um filho ou ataque de um pobre. Xavier e Isabel com sua necessidade de serem permeáveis a tudo, com a vontade mesma de se expor aos mais diversos riscos, um desejo de viver perigosamente à beira do abismo, eles acreditavam que eram imunes à destruição da loucura e da miséria. Ou supunham que a loucura e a miséria não carregam em si a capacidade de destruir o que encontram pela frente. Eram tão especiais e superiores que podiam permitir-se brincar de pobres e loucos. (*A Haroldo*, 170)

1968:

— A criança, o louco, o bêbado, o bandido e o jovem, (a mulher e o negro?) arautos da verdade. Sua marginalidade denunciava a estrutura opressora da sociedade, os colocados à margem tinham acesso à verdade.

E hoje:

— Eles não enunciam a verdade, por que a verdade não existe.  
— Eles não enunciam a verdade. A criança, o louco, o bêbado, o bandido e o jovem matam e são mortos.

1968:

— a liberdade é o mais fundamental para a formação de qualquer pessoa, inclusive a liberdade de morrer (*A Isabel*, 18)

— Só os originais interessam, apenas eles são capazes de emitir luz, só os verdadeiramente ímpares podem formar novos pares. (*A, Isabel*, p. 46)

— “ [...] Você também / quer ser alguém / abandonar... / mas tem medo de esquecer / o lenço e o documento outra vez. / Dê um chute no vagão. / Dê um chute no vagão” (“Senhor F” *Os Mutantes*, 1968)

Hoje:

— Cadê o vagão?

4

1968:

- A intimidade era, talvez, um acinte
- Lutar pelo direito de nada esconder.

Hoje:

- Para ser sincero, eu não tenho nenhum interesse de ouvir o que você não consegue esconder.
- Blogs, blogs, blagues, guages, argh, vontade de vomitar!
- Eu só não quero saber.
- Vigiar e punir o incorreto, o ódio e a ofensa.
- O íntimo compartilhado é vazio e puro.
- E engraçadinho (peralta, travesso), às vezes.

5

1968:

- As perguntas cheias de poder, perguntas com respostas acopladas; as respostas na fila, esperando sua pergunta.
- Não ter medo de nossos monstros: assuntar e permitir a existência.

1968 hoje:

- Ficou em nós o desassombro para perguntar os motivos, querer saber porque, indagar, aceitar e não aceitar o que nos surge pela frente.

Hoje:

- Ocorre que hoje, hoje é como se tivéssemos esquecido o que perguntar. O que surge pela frente? Que forma tem isso? Nenhuma resposta à espera da pergunta que não se faz.
- Meus pais tinham uma chave que quebrei. Não me lembro de que porta era a chave. (*AD 11 Hotel Nova Inglaterra, 30*)
- Como diagnosticar o que ainda não tem nome? (*NF 49*)

— É preciso um ponto de vista e uma pergunta. [...] Microscópio, lâmina, musculatura de sapo vivo e aberto, investigação em cadáveres, formol, apenas a nomeação das doenças me permite cheirá-las e ouvi-las. (*NF* 124)

— Nunca consegui chegar perto do seu coração. [...] Ela não queria sossego, e talvez fosse a única coisa que eu tivesse para lhe oferecer. Ela não queria chegar em lugar nenhum, nem ganhar, nem perder. [...] Isabel era [...] a menina de boa família que eu levaria de volta para casa. Ela não tinha casa para onde voltar. (*A Haroldo*, 175 e 176)

## 6

1968:

— Havia cartazes espalhados pela cidade com fotos dos terroristas, os jornais alertavam contra as forças subversivas, a televisão exibia ex-guerrilheiros arrependidos, andava em um ar esquizofrênico, tudo e todos éramos vigiados, amigos desapareciam, militantes e não militantes criavam redes de informação para saberem-se vivos, nenhuma palavra escrita ou falada carregava mais seu sentido convencional e os novos sentidos exigiam códigos de decifração instáveis e, portanto, ineficientes, o valor de face e a face das relações eram também colocados em suspensão, amigo, guerrilheiro, dedo-duro, colega, infiltrado, plantado, todos vestiam calça jeans, alegorias, metáforas e nomes de guerra pululavam em tudo que é canto e uma pequena alegria idiota dos códigos secretos, do entendimento inteligente e o sentimento de confraria em torno do raiar do novo dia, e a tacanha alegria [...] dos pequenos poderosos que denunciavam, ameaçavam, falavam alto, ao lado disso a rua, o ônibus, a padaria, a fila de banco, as novelas, os amores, a vida do bom dia, como vai, quatro pãezinhos, por favor, um pingado forte [...] o dia passando normal, palavra valendo o que vale, cada gesto no seu lugar, aperto de mão, aceno e, maravilha das maravilhas, nossa seleção de setenta. (*NF* 127 e 128)

— Armando tinha a mesma lógica dos militares, aceitava a idéia de uma guerra. (*NF* 112)

— Eu não havia sido treinado para a cadeia [...], não fizera parte dos movimentos e tive que adivinhar o discurso correto. Lá, mais do que em qualquer outro espaço do conhecimento, a fala [...] mata e salva. [...] não fora treinado. Para o sofrimento, a dor física, todos somos, ou não, enfim, não seria um bando de garotos idiotas que me fariam capaz de suportar a mutilação, nem sequer a idéia de uma missão que se sobrepusesse à vida humana. [...] Isso eles não entendem, muito menos você, José, que a essa altura fumava maconha em Caixa Prego. O estofo moral, o sentido de lealdade e compaixão, a força colossal que nos toma e faz resistir à adversidade não tem nada a ver com adesão a missões ou responsabilidade ou um futuro mundo melhor ou ser protagonista da História ou, o que meu Deus? *Sempre odiei todas as nações, profissões e porcarias, meu amor limita-se aos indivíduos*, disse Swift, e lá dentro era o que eu pensava. (NF, p. 77 e 78)

1968 hoje:

— Não se tem idéia hoje do que foi o medo. A humilhação do medo. Sobrou apenas a coragem. E por isso a nostalgia de quando éramos um contra o inimigo comum. E não percebem o horror da palavra comum. Éramos comuns com o inimigo. Fazia parte de nós, só éramos um com ele, por causa dele. As porradas, choques [...] transformam-se em medalhas de honra ao mérito. Continuamos sendo os que nunca levaram porrada, exatamente por tê-las levado. (NF 88)

— O banimento da vergonha de haver sido humilhado. Ter apalhado é a glória e o salário dos dias de hoje.

— Alemães orientais em relação ao holocausto. Ninguém reprimiu em 1968. Só “eles”.

Hoje:

— Nós precisamos ser também os pobres, os militares, os cachorros, os que não querem mudar, os que se machucam e morrem em vão.

1968 hoje:

— É como se em 1968 nada tivesse sido em vão, muito menos os choques na vagina. Bate-se no peito, como um Tarzan reafirmando seu poder, e grita-se para o país: eu fui torturada.



— O que não falei não pode valer mais do que falei depois, ter sido destruído torna-me menor, apenas o que construí deveria contar. Mas os jovens, os bons e puros, eles pensam que a intensidade do renascer apaga o horror de ter morrido. E não é verdade. Os cínicos e os vaidosos [...] usam a borracha da nova vida como redenção do errado. Entendo porque João Cabral dizia que sua obra de que menos gostava era “Morte e vida Severina”. Pois os que lêem o que escreve, esquecem a severina e ficam apenas com a vida. (*NF* 126)

1968:

— Não, não éramos todos iguais, braços dados ou não, cada um levava sua história no cortar do pano, e flores e armas e amores, não lembro mais qual a importância disso. A vida era sem razão e eu não morreria pela pátria, tampouco pela revolução. Esperava e não sei o que sabia, apenas uma opressão nas pernas e braços pesados, tudo lento e difícil, a idéia de traição e morte, impotência e quase nem raiva, era um gosto amargo de derrota e sujeira. (*NF* 145 e 146)

## 7

1968:

— Eles contavam dos festivais, cantavam músicas, os cabelos compridos. Sim, eu acompanhara os festivais e conhecia as músicas, meus cabelos não eram curtos. Como explicar? Ouvira Joyce, seu proselitismo cultural, mas não atinara que pudesse haver verdade. Música, cabelos, roupas e sexo como uma forma de ideologia e não [apenas] de cultura. [...] Eu não entendia. Sim, porque o proselitismo ideológico eu entendia e combatia ou aderiu, enfim, era-me conhecido. (*NF* 122)

— Política X Arte - Caretas X Alienados - Guerrilheiros, Revolução socialista X Paz e amor, Hobbies, Freaks e a walk in the wild side.

— “Revolution”, do Beatles e o discurso de Caetano Veloso em reação às vaias dos estudantes no III Festival Internacional da Canção, em 1968, foram uma reação dos pastores da alma individual aos arrebanhadores da alma coletiva. Os guerrilheiros do Apocalipse que a todos

julgavam, prontos a punir e matar em nome de um mundo socialista. A luta pela alma individual foi igualmente poderosa, uma tsumani difícil de resistir, pedras rolariam e pedra não sobraria sobre pedra, era o que prometiam com doçura radical. As certezas estavam de ambos os lados, esses lados se misturavam, se antagonizavam, se acrescentavam e deixavam de ser lados e se tornavam uma só força que se acreditava universal. Feminismo, Martin Luther King, Muhammad Ali, um mundo sem fronteiras nem religiões e o desejo de não perder a ternura jamais.

1968 e anos 70 até hoje:

— Muito da música de língua inglesa de antes, durante e depois dos anos 60, incluindo Janis Joplin, Jimi Hendrix, Beatles, Rolling Stones, e Cole Porter e Ella Fitzgerald, me chegou via Tropicalismo, assim como Noel Rosa, Lupcínio Rodrigues, Luiz Gonzaga, Caymmi e a poesia concreta, Novos Baianos, Luis Melodia, Jorge Ben, Jorge Mautner, Titãs, Arrigo Barnabé e Chico Science (Jackson Five e Roberto Carlos, não, essas foram paixões infantis).

— Conheci que era brasileira com o Tropicalismo.

1968:

— A massificação na recepção e na produção: o homem comum, e não mais alguns eleitos, cria como um homem comum, para um homem comum, um desejo de inclusão e dissolução da individualidade.

— Os ídolos pop: uma dimensão desconhecida de popularidade: Tommy e The Wall, permanecer para sempre jovem e comum. Enlouquecer por ser demasiadamente popular. Esvair-se em popularidade, a alma a berrar até deixar de ser alma.

## 8

1968:

— Tinha seis anos e meus pais me passaram de um colégio de freiras só para meninas para uma escola experimental mista. Na nova escola eu podia rir alto sem a freiras a me dizer que rindo assim eu parecia um menino.

— Esses meninos passaram pelo golpe e a ditadura ainda crianças, imagino que o medo disseminado no país tenha tido algum efeito neles. (A 44)

— Meu padrinho morreu quando eu era pequena, teve um ataque cardíaco enquanto jogava vôlei com os amigos em Ibiúna. Demorei alguns anos acreditando que ele tinha sido morto pelos militares.

1976:

— Quando ela tinha catorze anos morara durante um ano em Londres com a família. Ela, que sempre fora a melhor aluna da classe e uma promissora bailarina de balé clássico, descobriu que era legal ter cabelo crespo, que sexo em vez de atrapalhar o raciocínio ajudava e muito, que cinema, literatura, política, física e química só tinham valor se a gente pudesse rir disso tudo. Que mil vezes melhor um vagabundo engraçado que um estudioso chato, um alienado com ternura que um militante com princípios. Abandonou o balé e continuou a primeira da classe. (AD Cláudia, 45)

1977:

— Para mim, se uma menina já fumava maconha e fazia sexo, então já era mulher, o que não é verdade. (A Isabel, 44)

1977:

— “O sonho acabou, quem não dormiu no sleeping bag nem sequer sonhou.” Um sonho dos eternamente jovens, eternamente 1968, que exclui inclusive os futuros jovens.

— A obrigação do que eu deveria e não poderia ser. Você não poderá ser, não poderá viver, o sonho acabou, pequena.

— Não me enche o saco, vá embora e me deixe ser o que eu não sei o que é.

— Talvez porque para mim o lado positivo sempre pareceu natural. As drogas, o sexo, a música, o meu lugar de mulher e a participação política discutidos na mesa da sala de jantar.

— Acho que era uma crença da época, a crença de que tínhamos a obrigação e o poder de eliminar os tabus, que a palavra continha essa ca-

pacidade. [...] foi a primeira casa onde namorados e namoradas passavam a noite juntos e a gente podia fumar o que fosse numa boa. (*A Raul* 12)

— Morava em Brasília, tinha 16 anos e participava de um grupo de teatro de vanguarda. Ensaiávamos uma peça que ficou apenas 3 dias em cartaz, um fracasso. Antes da estréia, fizemos uma apresentação para o censor que, no caso, era um professor de censura e levou seus alunos para, juntos, avaliarem a peça e aprová-la, ou não. No fim da apresentação ele nos elogiou muito, disse aos alunos que prestassem atenção, aquela sim era uma boa peça de teatro. O censor foi a única pessoa que gostou do nosso teatro.

— Criamos uma chapa para concorrer ao grêmio do nosso colégio. Era proibido o debate e insistimos, dependuramos umas faixas no pátio e eu subi em um caixote e comecei a discursar. Um diretor chegou, rasgou as faixas e nos expulsou. Depois chamou meus pais ao colégio e disse que o meu nome estava no SNI. Nós rimos, pois já era uma comédia inócua.

1978:

— No Paraíso das Delícias, Cláudia era uma atração nem sempre bem vinda. Jogava sinuca com os homens, bebia pinga e falava palavrão. Seu cabelo crespo e castanho claro estava cada dia de um jeito, comportado, selvagem, festivo. O corpo era miúdo, sua cor pálida, pernas longas, dedos delicados e unhas ovais. Cláudia adorava trepar. Falava da bunda dos homens, gostava das pequenas durinhas, discutia se um saco grande queria dizer um pau grande, discutia com as meninas do bar sussurrando alto enquanto apontava com um jeitinho de queixo as protuberâncias exibidas nas calças justas dos office-boys. Era alegre e sedutora, mas sem paciência para ser seduzida. Com toda essa exuberância nunca sabíamos com quem estava transando, sequer se estava mesmo ou se era só fanfarronice. Suas brincadeiras e palavrões eram respeitosos com os sinceros de alma e ácidos com os cafajestes. (*AD Cláudia*, 41)

1980:

— A verdade é que [...] queríamos fazer bons filmes que dissessem não apenas de nós, mas da cidade e do país. Eu entendia que havia uma

cidade e que era possível o contato e a troca. [...] Um remoinho passou pelo mundo e, na época em que acabava a faculdade, fazer filme virara uma guerra violenta e pobre. [...] A mudança vinha de outros lugares, novos ares invadiam nossa cidade dizendo que a batalha não tinha mais a ver com cinema, quadros ou livros. O mundo dos vencedores era a novidade, e vencer passou a ser sinônimo de ganhar dinheiro. A decadência infiltrou-se e apodreceu as artes não lucrativas. (AD “5 Jorge” 17 e 18)

— À tarde passeava no Ibirapuera, já meio devagar e, com o andar de pata das grávidas de oito meses, pensava feliz que Tomás seria diferente das outras crianças. [...] viria ao parque para passear entre as árvores, ia gostar do sol e dos silêncios. Lia *Nascer Sorrindo* (parto na penumbra), *A Criança Saudável* (o despertar da personalidade cósmica na criança), *Emílio ou Da Educação* (o homem nasce bom e a sociedade o corrompe), e imaginava meu filho pairando acima e além das pequenezas do cotidiano. Ainda não percebia em mim o efeito dos cochichos femininos sussurrados ao longo da minha infância e da adolescência. Cuidava da saúde do bebê, nadava, comia alimentos naturais, fantasiava seu futuro [...] e não preparava sua chegada nesse chão onde as gerações se sucedem. Minha mãe, tias e avós cuidaram de tudo [...] Ainda num espírito mais para *Emílio ou Da Educação* do que para *Meu Filho, Meu Tesouro* (como cuidar da assadura no bumbum do nenê), eu não percebia a densidade desses preparativos e o quarto do bebê foi se enchendo de tradições. (AD “13 Meu bebê” 38 e 39)

1990:

— Na missa de sétimo dia uma tristeza sem tamanho me tomou, maior do que nossa amizade [...]. Lembrei de mim, chorei por mim, pelo que não existiu, não prosseguiu.

Existiu e prosseguiu, percebo escrevendo. O cinema não continuou, nossas histórias tomaram a forma do mundo que achávamos pequeno e mesquinho. E ele sempre foi maior que nós e, também, foi nós. Quando lembro de mim antes do casamento, lembro de Cláudia. Talvez por que ela não exista mais e me deixa então sentir uma saudade funda do que foi sem o peso do que se tornou. (AD “14 Cláudia” 40 e 41)

— Depois das chuvas, teu pai chegou cansado. Ele chegou da favela, onde tinha ido morar. Arrumei um amigo por lá que se compadeceu de mim, depois da enchente ele trouxe o Teo encharcado e doente. Fomos direto para o hospital, ele ardia de febre. [...] Ele sabia que Teo estava morrendo, falava já em forma de lenda [...] “Teodoro foi um gigante, carregou crianças e móveis para fora da água, nos seus braços cabia de tudo, cabia o mundo [...]” [...] E ele continuou, falou dos móveis que boiavam, paredes desabadas, telhados voando, uma criança pequena chorando em cima da mesa que já era um barco. Depois o homem foi embora, você olhou para mim, nós nos olhamos, e você lembra, Benjamim? Eu entendi que você estava comigo, a gente sabia que o Teo que tinha feito aquilo tudo não era o meu filho nem o teu pai. Aquele ímpeto santo era de trezentos, trezentos e cinqüenta Teodoros, e nenhum deles era o nosso; o nosso Teodoro, magro e cansado, morria. (*A Isabel*, 153)

9

1968:

— O passado: 1968 surgiu do nada, o mundo inédito ou o ápice de uma linhagem de inovadores.

— O futuro: o paraíso ou o fim do mundo.

1968:

— A conquista da adolescência.

Hoje:

— A prisão da adolescência.

1968:

— O amadurecimento a toque de caixa, meninos e meninas com armas na mão, sendo presos e exilados. Meninos e meninas transando, fumando, saindo de casa.

Hoje:

— A sexualidade e a violência ao alcance das mãos e corpos infantis, conversas na sala de jantar na frente das crianças.

1971:

— O sonho acabou.

E hoje:

— A Terra morre.

Hoje:

— Seja o que tiver de ser. No final, é uma besteira, apenas uma moça e um romance. Já conversou com outros, serei apenas um daqueles idiotas culturais que os antropólogos entrevistam em suas longas pesquisas [...] ilustrações, um ator de uma década da qual não me lembro, de uma história que não escolhi. (*NF* 60)

— Não quero mais falar, Benjamim, hoje o pobre sou eu. Uma cachorra doente, um gato atropelado, um passarinho que bateu no vidro. Um pobre sujo. As escaras cheiram mal. Minha voz já parece a de um sapo rouco. Não me venha dizer do seu amor por mim, não, Benjamim, não é hora para isso. Bobagem. (*A Isabel*, 153)

E hoje:

— Ajudar os cachorros doentes a morrer. Fim último da literatura.

